Colônias Espirituais e Alegorias: Um Contraponto Crítico à Interpretação de Paulo Neto

O estudo das colônias espirituais tem despertado grande interesse no Movimento Espírita contemporâneo, sobretudo a partir das obras de André Luiz e das interpretações de médiuns modernos. Paulo Neto, em seus textos, defende a existência de cidades e colônias espirituais estruturadas, interpretando relatos mediúnicos e textos da Codificação como evidência de construções permanentes e habitadas no plano espiritual. Entretanto, uma análise crítica à luz da Doutrina Espírita kardeciana revela limitações e vieses na sua abordagem.

Seleção Seletiva de Fontes e Edições

Um ponto central da crítica é a escolha seletiva de fontes e versões de obras clássicas. Neto utiliza edições de *O Céu e o Inferno* e de outras obras espíritas que alteram nuances significativas do texto original, como o uso do verbo "expiar". Enquanto Kardec afirma que a expiação ocorre na Terra, Neto interpreta que ela se inicia antes da encarnação, criando a impressão de punição ou aprendizado materializado no plano espiritual, o que não condiz com a Codificação.

Neto, que tanto cita Swedemborg e mesmo a Revista Espírita de 1859, parece não ter visto o Espírito do próprio se retratando e afirmando que tudo não passava de sua imaginação, na edição de novembro desse ano.

A Interpretação Literal de Alegorias

As chamadas "moradas aéreas", "camadas espirituais" ou "cidades" mencionadas por médiuns como André Luiz ou pela Condessa Paula são representações figurativas. Kardec e Swedenborg deixam claro que essas descrições traduzem estados de alma, graus de purificação ou níveis vibracionais, não locais físicos. Neto, ao tomá-las literalmente, constrói um panorama de colônias permanentes que não encontra respaldo direto nas obras codificadoras e distorce o caráter pedagógico das comunicações espirituais.

Criações Mentais e Estado Subjetivo dos Espíritos

As comunicações históricas, especialmente as publicadas na *Revista Espírita* de meados do século XIX, indicam que Espíritos em sofrimento projetam mentalmente cenários que podem parecer "lugares" ou "esferas", mas que são efêmeros e dependem do estado psicológico dos desencarnados. Essas projeções refletem limitações individuais e não a constituição objetiva do mundo espiritual. Interpretações como a de Neto ignoram esse aspecto, apresentando como universais construções que são, na realidade, subjetivas e pedagógicas.

Atividade e Desenvolvimento, Não Acomodação

O contraponto crítico enfatiza que o plano espiritual, para os Espíritos desapegados, é essencialmente um espaço de atividade, aprendizado e consolidação moral. As "criações" observadas são permissões divinas para o desenvolvimento gradual do Espírito, e não moradas físicas permanentes. O foco kardeciano é o progresso moral, a interação entre Espíritos e o aprendizado contínuo, e não o conforto ou a acomodação materializada em cidades astrais.

Conclusão

A análise das colônias espirituais à luz da Doutrina Espírita evidencia que a interpretação de Paulo Neto tende a materializar e universalizar experiências subjetivas e alegóricas. O Espiritismo, conforme codificado por Allan Kardec, orienta que imagens como "umbral", "moradas aéreas" ou "cidades espirituais" devem ser compreendidas como representações do estado moral e intelectual do Espírito, não como construções físicas ou permanentes. Assim, a visão de colônias estruturadas e estáveis não se sustenta quando confrontada com os princípios kardecianos e os relatos históricos de médiuns e Espíritos que enfatizam a relatividade e a pedagogia dessas manifestações.

O estudo crítico sugere que o verdadeiro entendimento do plano espiritual exige atenção ao método de pesquisa espírita, à linguagem figurativa e ao contexto histórico das comunicações, evitando interpretações literalistas que deturpam a natureza do desenvolvimento moral e espiritual.

Kardec e o paradigma racial do século XIX

Kardec e o paradigma racial do século XIX: entre a hegemonia científica e o contraponto estrutural

Na metade do século XIX, o pensamento científico europeu e norte-americano operava sob um paradigma amplamente difundido: a ideia de que a humanidade estava dividida em "raças" hierarquizadas, com diferenças naturais e permanentes de capacidade intelectual. Esse modelo não era marginal — era hegemônico. Ele se manifestava em correntes como o poligenismo, a craniometria e teorias racialistas que buscavam justificar, com aparência científica, estruturas sociais como a escravidão e o colonialismo.

Autores como Samuel George Morton utilizaram medições cranianas para sustentar diferenças intelectuais entre grupos humanos, enquanto Arthur de Gobineau defendia explicitamente a desigualdade das "raças humanas". Hoje se reconhece que essas abordagens careciam de rigor metodológico e estavam fortemente contaminadas por pressupostos ideológicos. À época, porém, eram amplamente aceitas como ciência legítima.

É nesse contexto que se insere a obra de Allan Kardec.

A presença do paradigma da época em Kardec

Kardec não está isolado de seu ambiente intelectual. Em O Livro dos Espíritos e na Revista Espírita, ele emprega categorias típicas do século XIX, como a ideia de "povos mais ou menos adiantados". Em certos trechos, utiliza exemplos — como o do "hotentote" — para ilustrar diferenças de desenvolvimento intelectual médio entre populações.

Há também passagens em que afirma que determinados grupos, naquele estado

histórico, não produziam figuras equivalentes a Pierre-Simon Laplace. Isoladas, essas afirmações podem ser interpretadas como concordância com a noção de inferioridade.

Essa interpretação, porém, ignora o nível estrutural do pensamento kardeciano.

O ponto de ruptura: a estrutura explicativa

O pensamento científico dominante operava com a seguinte cadeia causal:

— corpo → determina inteligência → hierarquia racial fixa

Kardec rompe com esse modelo ao propor:

— Espírito → utiliza o corpo → capacidade intelectual é universal

Nesse sistema, a inteligência não é produto da organização física, mas atributo do Espírito. Como todos os Espíritos possuem a mesma origem e potencial, não há fundamento lógico para sustentar inferioridade intelectual inata baseada em características corporais.

Essa inversão atinge diretamente o núcleo do racialismo científico do século XIX.

Desigualdade observada versus inferioridade essencial

Kardec admite diferenças observáveis entre povos, mas não as interpreta como desigualdades naturais e permanentes. Ele as atribui a fatores contingentes:

— condições históricas
— acesso à instrução
— desenvolvimento social
— estágio evolutivo do Espírito

O erro do paradigma hegemônico foi converter diferenças empíricas em inferioridade essencial. Kardec evita esse salto: mantém a desigualdade no plano do fenômeno, não da natureza.

A tensão interna: linguagem antiga, estrutura nova

Há, contudo, uma tensão real em sua obra. Kardec ainda utiliza uma linguagem hierárquica (“adiantado” e “atrasado”) típica do evolucionismo cultural de sua

época. Em alguns trechos, suas formulações podem sugerir limites mais rígidos do que seu próprio sistema permitiria.

Essa tensão decorre da coexistência de dois níveis:

— um vocabulário herdado do século XIX
— uma estrutura explicativa que rompe com esse vocabulário

A leitura isolada de frases conduz a interpretações equivocadas. A análise do conjunto revela a coerência interna do sistema.

O contraponto de Kardec no cenário científico

Ao deslocar a causa da inteligência do corpo para o Espírito, Kardec:

— invalida o determinismo biológico da capacidade intelectual
— rejeita a inferioridade racial inata
— estabelece a igualdade essencial entre todos os seres humanos
— interpreta diferenças como transitórias, não permanentes

Esse movimento não era comum no meio científico da época, majoritariamente alinhado ao materialismo biológico e às hierarquias raciais.

Conclusão

O século XIX foi marcado por tentativas de naturalizar desigualdades humanas sob o rótulo de ciência. Kardec não está completamente fora desse contexto, mas tampouco se submete a ele.

Ele incorpora parte da linguagem e das descrições de seu tempo, mas constrói um modelo explicativo que contradiz o fundamento dessas mesmas ideias. Ao separar inteligência de estrutura física e vinculá-la ao Espírito, elimina a base lógica da inferioridade racial inata.

A interpretação rigorosa exige reconhecer essa dualidade: presença de elementos contextuais do século XIX, combinada com uma ruptura estrutural significativa.

Referências bibliográficas

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 1857.

KARDEC, Allan. Revista Espírita. 1858–1869.

KARDEC, Allan. A Gênese. 1868.

MORTON, Samuel George. Crania Americana. Philadelphia: J. Dobson, 1839.

GOBINEAU, Arthur de. Essai sur l'inégalité des races humaines. Paris: Firmin Didot, 1853–1855.

GOULD, Stephen Jay. The Mismeasure of Man. New York: W. W. Norton & Company, 1981.

STOCKING JR., George W. Race, Culture, and Evolution: Essays in the History of Anthropology. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

FREDRICKSON, George M. Racism: A Short History. Princeton: Princeton University Press, 2002.

Kardec vs FEB: Onde foi parar o "Guia dos Evocadores"?

Quem abre o frontispício de uma das obras fundamentais do Espiritismo lê o seguinte título: **"O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores"**. Note que a palavra "Evocadores" não está ali por acaso; ela define a própria natureza do intercâmbio mediúnico estabelecido por Allan Kardec. Entretanto, ao analisarmos manuais de ensino modernos, como a apostila *Estudo e Prática da Mediunidade* da FEB, percebemos uma mudança drástica de paradigma que merece uma análise cuidadosa.

1. A Iniciativa: Atividade Humana vs. Passividade do Grupo

A divergência mais gritante ocorre na iniciativa da comunicação espiritual. Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec é categórico: **"quando se deseja comunicar com um Espírito determinado, necessariamente, é preciso evocá-lo"**. Ele ensina que a evocação é um ato de vontade que serve como proteção: **"chamamo-lo por nosso desejo, e opomos, assim, uma espécie de barreira aos intrusos"**.

Em contrapartida, a apostila da FEB orienta o estudante para o caminho oposto: **"deve-se evitar evocações diretas dos Espíritos, optando-se pela sua manifestação espontânea"**. Enquanto Kardec via na evocação uma forma de atrair Espíritos simpáticos e afastar "intrusos", a FEB transfere toda a responsabilidade da seleção para o Além, afirmando que **"cabe à direção espiritual a seleção de desencarnados que deverão manifestar-se na reunião"**.

2. O Papel do Grupo: Investigação Científica ou Enfermaria Espiritual?

Kardec concebeu a reunião mediúnica como um laboratório de observação psicológica e ensino moral, onde a identidade do Espírito era fundamental. Ele destaca que **"a instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos"**.

Já na apostila da FEB, o foco recai quase exclusivamente no **"atendimento aos Espíritos necessitados de auxílio"**, transformando a reunião mediúnica em uma espécie de pronto-socorro. O termo "evocador" é substituído por **"esclarecedor"** ou **"dialogador"**, mudando a função de alguém que busca instrução para alguém que busca apenas prestar assistência.

3. A "Filtragem" Espiritual e a Tecnologia do Além

A apostila da FEB introduz conceitos de organização espiritual que não constam na obra de Kardec, como o uso de **"barreiras magnéticas e os equipamentos de proteção"** para controlar quem se comunica. Segundo a FEB, os guias

espirituais utilizam aparelhos como o **“psicoscópio”** para auscultar a alma dos encarnados e garantir a ordem.

Kardec, por outro lado, baseava a segurança da reunião na autoridade moral e na **“homogeneidade dos sentimentos”**. Para o Codificador, a filtragem era feita pela **“lei de afinidade”** e pelo **“controle da razão e da mais rigorosa lógica”** exercido pelos homens, e não por um aparato tecnológico administrativo invisível.

4. Riscos da Omissão do “Guia dos Evocadores”

Ao omitir ou desencorajar a evocação, o movimento espírita corre o risco de cair naquilo que Kardec chamava de **“ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo”**. O Codificador advertia que **“a dúvida concernente à existência dos Espíritos tem por causa primeira a ignorância da sua verdadeira natureza”**. Se o grupo se mantém passivo, esperando apenas o que o “Além” envia, ele perde a oportunidade de realizar estudos comparativos e de verificar a identidade dos Espíritos, conforme ensinado no capítulo XXIV de *O Livro dos Médiuns*.

Conclusão: Voltar a Kardec

Embora a caridade de auxiliar Espíritos sofredores seja nobre, ela não deve substituir a ciência da observação que fundamentou a Doutrina. Afirmar que a evocação é perigosa ou desnecessária contradiz diretamente o trabalho de Allan Kardec, que via nela o meio de transformar o Espiritismo em uma **“ciência de observação e uma doutrina filosófica”**.

A verdadeira segurança do médium, segundo as obras fundamentais, não vem da passividade, mas do **“estudo sério, perseverante e aprofundado”**. Como diria o próprio Codificador: **“O Espiritismo se dirige à razão”**.

Espiritismo, método científico e o equívoco da exclusão epistemológica

A afirmação de que o Espiritismo não pode ser considerado ciência porque envolveria metafísica parte de um erro conceitual duplo: desconhece o **critério histórico de cientificidade** e ignora o **papel estruturante da metafísica no próprio desenvolvimento das ciências modernas**. Quando esse erro é corrigido, a objeção simplesmente não se sustenta.

No século XIX, ciência não era definida pelo objeto estudado, mas **pelo método empregado**. É nesse ponto que o Espiritismo original, tal como sistematizado por **Allan Kardec**, se ancora de modo rigoroso na tradição científica reconhecida de sua época — tradição esta que permanece válida em amplas áreas do conhecimento atual.

Com colaboração de Ariane Netto.

O método da concordância e a ciência empírica

O método central utilizado por Kardec foi o **método da concordância**, formalizado por **John Stuart Mill** em *A System of Logic* (1843). O princípio é claro: quando um fenômeno ocorre em múltiplos casos independentes e apenas um elemento comum se repete em todos eles, esse elemento é identificado como causa ou parte essencial da causa.

Esse método não é periférico. Ele fundamenta:

- a epidemiologia observacional,
- a clínica médica pré-experimental,
- a sociologia comparativa,
- a biologia evolutiva,
- a linguística histórica.

Negar validade científica ao Espiritismo por empregar esse método implica negar, por coerência lógica, o estatuto científico dessas áreas. Não se trata de analogia;

trata-se de **identidade metodológica**.

Kardec aplicou o método de forma estrita: comunicações obtidas por médiuns diferentes, em países distintos, sem contato entre si; rejeição sistemática de mensagens contraditórias; eliminação da autoridade do médium como critério; primazia da convergência factual. Isso caracteriza uma **ciência de observação**, exatamente como definida no século XIX e ainda praticada hoje fora do laboratório fechado.

Reprodutibilidade: padrão, não repetição mecânica

Um erro recorrente é exigir do Espiritismo a mesma forma de reprodutibilidade da física experimental. Isso é epistemologicamente inválido. Diversas ciências reconhecidas não reproduzem eventos idênticos; reproduzem **padrões sob condições variadas**. A regularidade observada, não a repetição mecânica, é o critério racional.

O Espiritismo kardeciano atende a esse critério. A negação disso exigiria descartar também história, geologia, paleontologia e cosmologia — áreas que inferem causas e entidades a partir de efeitos observáveis, não diretamente instrumentais.

Metafísica como fundamento da ciência, não seu oposto

A tentativa de desqualificar o Espiritismo chamando-o de "metafísica" falha por ignorar um dado elementar da história das ideias: **a ciência moderna nasceu metafísica**.

Sem os pressupostos ontológicos e conceituais elaborados por **Gottfried Wilhelm Leibniz**, em especial na Monadologia, a ciência não teria se organizado como se organizou. Conceitos como substância, identidade, causalidade, lei, continuidade e unidade não são empíricos; são **metafísicos**. Ainda assim, são indispensáveis para qualquer prática científica.

Leibniz introduziu:

- unidades fundamentais não extensas,
- causalidade interna,
- correlação sistemática entre fenômenos sem contato direto.

Nada disso era observável empiricamente à época, mas tudo isso **orientou o desenvolvimento da matemática, da física e da lógica modernas**. O mesmo vale para Descartes, Newton e toda a ciência clássica. Eliminar a metafísica retrospectivamente é reescrever a história para atender a um preconceito contemporâneo.

Kardec e a inversão correta da metafísica dogmática

Importa notar: Kardec não construiu um sistema metafísico fechado e depois buscou fatos para confirmá-lo. Ele fez o inverso. Partiu de fenômenos observados e **extraiu apenas as consequências ontológicas mínimas exigidas pelos dados**. Isso não é metafísica especulativa; é metafísica derivada de observação — exatamente como ocorre em outras ciências.

A objeção moderna ao Espiritismo não é metodológica. É **ontológica e cultural**. O desconforto não está no método, mas no objeto. Confundir essas duas coisas não é ciência; é ideologia epistemológica.

Conclusão

Negar o caráter científico do Espiritismo kardeciano exige, por coerência, negar:

- a indução em ciências não experimentais,
- o método comparativo,
- a reprodutibilidade por convergência,
- a inferência a partir de dados mediatos,
- e o papel histórico da metafísica na ciência.

Essa posição não é sustentável. Ou se aceita que o Espiritismo original é uma **ciência de observação**, com limites claros e método definido, ou se redefine "ciência" de forma tão estreita que grande parte do conhecimento hoje reconhecido cai junto.

O problema, portanto, não está no Espiritismo. Está no critério adotado para julgá-lo.

É Cansativo

É cansativo. Por **toda parte**, incontáveis pessoas se colocam a falar de "espiritismo", sem o escrúpulo de, antes, terem se dedicado a conhecê-lo, demonstrando mais disposição para opinar do que para estudar. Mas isso não é o pior, já que "a força das coisas" criou esse estado de quase completo desconhecimento. Não: a parte pior é que, quando confrontadas **pelo Espiritismo**, se sentem atacadas pessoalmente, contrariadas em suas almas e, ao invés de buscarem o entendimento, optam pelo afastamento e pela continuação do erro. Kardec também sofreu isso, mas, hoje, a tecnologia nos coloca em contato muito mais rápido e fácil com a gigantesca massa de pessoas que opinam sem método e sem base, confundindo convicção com conhecimento.

Essa é a minha primeira ação, ligada ao Espiritismo, em aproximadamente um mês. Como eu disse, cansa. Mas o que cansa não é o Espiritismo, e sim os ininterruptos ataques de pessoas que não sabem separar a crítica à opinião da crítica pessoal e, enquanto criticamos as opiniões erradas — como Kardec fazia — somos pessoalmente atacados, sem cessar. O roustainguismo, especialmente instalado na FEB desde 1890, conseguiu o que desejava e substituiu a ciência espírita num sistema de crenças, formado meramente por opiniões, sem o método necessário, demonstrado exaustivamente por Kardec em **TODAS** as suas obras.

Há pouco tempo, no final de 2025, publicamos um artigo sobre uma evocação que fizemos do Espírito de Kardec. Buscávamos demonstrar a possibilidade, sem nenhuma intenção de fazer disso um artigo de autoridade, obtendo uma instrução geral, do mesmo modo que o próprio Kardec muitas vezes obtinha. Sabíamos que viriam críticas, e estávamos prontos, inclusive, para aceitar as críticas de bom grado, como importantes para nosso próprio estudo. Porém, uma das críticas mais negativamente relevantes veio justamente de Rodrigo Xavier, um influenciador nas redes sociais, que se apresenta como conhecedor do Espiritismo e atua como divulgador nas redes sociais, mas cuja crítica, como veremos, se afasta dos fundamentos metodológicos estabelecidos por Kardec, como demonstraremos.

A crítica de Rodrigo Xavier

De maneira surpreendente (ou não), sua crítica foi toda embasada em Aksakof, e não em Kardec. Pior ainda: apoiou-se numa leitura limitada do que Aksakof propõe, tratando indícios como se fossem exigências absolutas.

Segundo ele, o texto não teria excedido em nada o repertório intelectual comum de um espírita moderno: divisões no movimento, "retorno a Kardec", regeneração, Jesus — temas conhecidos, repetidos, e portanto explicáveis como simples "memória latente". Como não haveria novidade objetiva, nem revelação desconhecida, nem qualquer elemento que o médium "não pudesse saber", o veredito já estaria pronto: animismo, isto é, a consciência sonambúlica do médium vestida de mensagem.

E não parou aí. Para Rodrigo, faltaria também qualquer prova de identidade. O tom — diz ele — seria emocional, levemente místico, com expressões como "Deus Pai todo-poderoso" e "bênçãos", o que, na visão dele, destoaria do "Kardec histórico", racional e professoral. A linguagem, por sua vez, seria simplesmente português atual, e nisso ele vê mais um indício de personificação: o inconsciente do médium fabricando um "personagem" com base no que imagina ser Kardec, em vez de um Espírito real mostrando independência através do francês do século XIX ou de traços inequívocos de estilo.

Por fim, Rodrigo ainda recorre ao que chama de "espelho": a comunicação teria confirmado o grupo, validado seus esforços e criticado opositores — exatamente o que, segundo ele, um círculo desejaria ouvir ao evocar o Codificador. Para Aksakof e Hartmann, ele insiste, médiuns em transe seriam altamente sugestionáveis e tenderiam a refletir pensamentos e expectativas dos presentes; por isso, mensagens que concordam demais com o grupo seriam suspeitas. O arremate dele é previsível: animismo ou personismo; nenhum fato desconhecido, nenhuma superioridade intelectual, nenhum sinal externo de identidade. E, como "exigência científica", chega a sugerir que se façam perguntas em francês, sem combinar com o médium, como se o idioma — e não o método — fosse a fronteira definitiva entre ilusão e realidade.

A refutação à crítica de Rodrigo

A refutação é simples: Rodrigo toma critérios auxiliares como se fossem leis absolutas, e nisso já começa errado. Kardec ensina o contrário. O Espírito não "fala" uma língua humana; comunica pensamento, e para transformar pensamento em palavras precisa, por via mediúnica, do vocabulário do médium. A xenoglossia pode ocorrer, sim, mas é acidental, rara, e depende de condições específicas; para comunicações extensas e usuais, os Espíritos preferem a língua familiar ao médium, por apresentar menos obstáculos materiais. Portanto, exigir francês do século XIX como condição necessária não é 'ciência': é um rigor apenas aparente, que confunde indícios raros com condições necessárias.. É, além disso, um critério que, se levado às últimas consequências, invalidaria uma massa enorme de comunicações perfeitamente compreensíveis e úteis — inclusive aquelas registradas nas evocações da Revista Espírita, com Espíritos que, em vida, falavam idiomas diversos, sem que isso impedisse o intercâmbio.

Do mesmo modo, Rodrigo transforma "prova de identidade" em eixo central, quando Kardec é explícito: a identidade de personagens antigas é frequentemente impossível de demonstrar materialmente e, quando muito, se aprecia moralmente pela qualidade da linguagem. E mais: em comunicações filosóficas e morais, a identidade é questão acessória. Se o conteúdo é digno, coerente e conforme o caráter atribuído ao nome, há probabilidade moral; mas mesmo quando essa certeza não existe, a comunicação não se anula por isso. O ônus de quem acusa animismo não é apontar ausência de espetáculo probatório; é demonstrar incongruência doutrinária, erro de fundo, contradição séria — não apenas dizer "não houve fato desconhecido" e chamar isso de conclusão científica.

Quanto ao "espelho", Rodrigo erra até o alvo: a comunicação não fala do nosso grupo como um clube fechado, mas do conjunto de Espíritos e encarnados que se dedicam à disseminação da verdade, e isso foi dito de modo explícito. E, no conteúdo, não há combustível para a tese de vaidade ou autoconfirmação: não se afirma infalibilidade, não se estabelece autoridade exclusiva, não se introduz inovação doutrinária; ao contrário, reconhecem-se limites, provas e dificuldades. Espelhamento, quando é hipótese séria, aparece como confirmação sistemática de interesses pessoais e engrandecimento humano — aqui, não. Resultado: a crítica de Rodrigo revela mais pressa do que método, e mais desconhecimento da ciência espírita do que zelo científico.

É cansativo

Como eu disse, é cansativo e, mesmo, desanimador. Como Rodrigo Xavier, muitos outros, dizendo-se autênticos espíritas, abordam o Espiritismo de maneira equivocada, baseando-se em sistemas de crenças oriundos de opiniões — de encarnados ou desencarnados — e não na ciência espírita. Assim se portam, também, muitos nomes conhecidos ou em ascensão: opiniões passam a ser repetidas como se fossem princípios, e o debate se desloca do método para a adesão.

Dentre esses, cito exemplos públicos e verificáveis: Luís Fernando Amaral, ao sustentar em vídeos a tese de que o Brasil seria governado pelo "anjo" Ismael; Nibi Pensa, ao defender a ideia de que a justiça divina operaria por lógica de débito e crédito, contrariando o princípio kardeciano e o próprio ensino moral do Cristo; Maira Rocha, cujas psicografias são frequentemente questionadas quanto ao conteúdo e finalidade; Haroldo Dutra Dias, ao endossar a mesma construção do "anjo" Ismael e a leitura de "Nosso Lar" como destino assegurado. São pontos concretos, e é sobre eles que a crítica deve recair: não sobre pessoas, mas sobre afirmações.

Quiséramos que, antes de ir ao microfone, houvesse maior dedicação ao estudo da ciência espírita, tão bem fundamentada e séria. Em vez disso, tem-se preferido a substituição do Espiritismo de 1857 por uma crença sistemática, montada sem método, sem controle e sem o devido critério, amparada em comunicações tomadas como incontestáveis, como se fossem imunes à possibilidade de mistificação.

É, realmente, muito cansativo… Mas não podemos deixar nos abater. Começo o ano de 2026 com este primeiro desabafo, para tentar retomar as atividades que me competem, por livre e espontânea vontade.

Por que evocamos Allan Kardec

Se você ainda não está sabendo, recentemente, após o amadurecimento de nosso grupo mediúnico, realizando sempre o exame crítico das comunicações mediúnicas, achamos que momento era justo e, com a motivação mais séria possível, buscamos obter orientações gerais do Espírito de Allan Kardec, sabendo, como ele mesmo asseverou, que:

> *Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.*
>
> *Allan Kardec — O Livro dos Espíritos — Introdução*

A maneira como se realiza a evocação, e o resultado bom ou mau dela, residem naquilo que ele diz, imediatamente após o parágrafo anterior:

> *Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.*
>
> *Allan Kardec — O Livro dos Espíritos — Introdução*

Julgamos, no momento citado, que nosso ambiente justamente o das reuniões sérias e, de fato, recebemos uma resposta, que, conforme analisamos, em nada desmente o caráter esperado na resposta, tenha ela vindo diretamente desse Espírito ou de um preposto, por ele enviado.

Qual foi, porém, a intenção nessa evocação? Exibicionismo? Vaidade? Tentativa de obter um argumento de autoridade? De forma alguma. Consideramos nosso grupo como um laboratório e, posto que ainda operamos sem a colaboração de outros grupos, não devemos e nem desejamos obter nada de *novo* sobre a Doutrina Espírita, de modo que *nome algum* nos fará adotar nenhum princípio novo, que requeira a metodologia colaborativa utilizada por Kardec. Dizemos: primeiro precisamos constituir um agrupamento central, com a participação de *delegados* (representantes) de outros grupos mediúnicos, formados pelos mesmos princípios, para que possamos voltar a realizar pesquisas quaisquer.

Nosso objetivo, portanto, é o de demonstrar ao público que, com a reserva e a seriedade necessárias, além da *unidade doutrinária* (conhecimento sobre a Ciência Espírita), sim, é possível e benéfica a evocação dos Espíritos, que nos auxiliarão sempre que demonstremos boa-vontade.

Muito longe de nós passa a ideia de, a partir de agora, temos o Espírito de Allan Kardec ao nosso dispor. Não, isso seria um erro — com qualquer Espírito, aliás. Continuaremos o nosso processo de aprendizado, evocando outros Espíritos, como o de Ermance Dufaux, cuja evocação, a priori, nos pareceu render uma mistificação que, não tendo uma forma melhor de investigar, justamente porque nos faltam os grupos parceiros, nos faz apenas colocar, *por enquanto*, esse diálogo no rol das incertezas.

Esperamos, avidamente, que mais grupos se formem, nessa mesma unidade doutrinária, após o estudo necessário. Lamentamos, porém, a morosidade nas intenções de muitos, que ainda esperam que o trabalho seja feito por eles.

Uma palavra final: sim, o que já temos, da Doutrina Espírita, é suficiente para nos elevar muitos degraus na evolução. Porém, como muitos dizem, a obra de Kardec não encerra o Espiritismo. Há um desenvolvimento necessário sobre várias questões, o que, seguramente, **não será feito de maneira isolada**, por um só Espírito ou por um só grupo.

Aguardamos o porvir.

Diálogos de Além-Túmulo — Evocação de Ermance Dufaux

Ermance Dufaux de La Jonchère foi uma médium e escritora francesa nascida em Cambrai em 8 de março de 1839 e falecida em Suresnes em 3 de março de 1915, reconhecida como uma das mais relevantes figuras da primeira geração do Espiritismo. Ela manifestou mediunidade precocemente e, como membro-fundadora da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ao lado de seu pai, colaborou de forma significativa com Allan Kardec na consolidação da doutrina, participando diretamente da revisão de **O Livro dos Espíritos** e contribuindo com comunicações mediúnicas que resultaram em importantes obras literárias espiritualistas. Sua produção inclui relatos psicográficos atribuídos a espíritos históricos e sua participação ativa nos círculos espíritas de Paris consolidou sua influência no movimento espírita emergente no século XIX.

Por ocasião da reunião do Grupo Mediúnico Semear, nosso grupo, achamos por bem buscar a evocação desse Espírito, na reunião de 02/11/2025. Obtivemos, disso, o seguinte diálogo:

– Evocação.
Ermance: Perguntem.
A: Você é feliz, Ermance?
Ermance: Sim, sou.
A: Você está encarnada ou desencarnada?
Ermance: Desencarnada.
A: Você se percebeu que estava no mundo espiritual imediatamente, assim que deixou o corpo físico?
Ermance: O que chamas de imediatamente?
A: Logo após a sua morte.
Ermance: Já via meu corpo sem força, imóvel. Aprendi que já tinha me desprendido.
A: Quais foram suas primeiras impressões imediatamente após a morte?
Ermance: Já tinha esclarecido o que me ocorria. Posso lhes dizer que não houve sofrimento. Já havia percebido que já me encontrava com o Espírito. Mas agora, sem o meu corpo. Foi só um estágio. Só um período.
M: Quanto tempo durou para você se reconhecer no plano espiritual após a sua

morte?
Ermance: Vou fazer uma analogia com o tempo de vocês. Foi rápido. Talvez, alguns dias. Talvez, alguns dias.
M: Poucos, poucos dias. Você foi no seu funeral?
Ermance: Sim.
M: Como você se sentiu lá?
Ermance: Percebi o meu corpo imóvel. Percebi que já não me encontrava mais aqui. Em algum momento, o círculo espectro, porque nos deparamos com o nosso corpo, que foi a nossa morada por um período, que nos serviu de instrumento, mas já tinha consciência de que não me encontrava mais aí.
M: Minha pergunta era justamente isso. Quando você viu o seu funeral, você já tinha reconhecido que não fazia mais parte desse mundo. Então, essa perturbação, você tem certeza de que foram dias?
Ermance: Mesmo quando vemos o nosso corpo imóvel e percebemos que já não fazemos mais parte dele, ainda nos é difícil entendermos que já não estamos mais ali. Que ao falarmos com nossos familiares, nossos amigos, nossos amores, eles não nos respondem. Sempre existe uma perturbação, mesmo que pequena, meu irmão. Mas logo compreendi. Logo compreendi que precisava seguir o meu caminho.
M: Agora uma pergunta mais específica, Ermance: Qual foi o primeiro tema que o Espírito Joana D'arc que te ditou que só vocês sabiam? Só você e Kardec?
Ah, desculpa, Ermance, o Espírito Amigo quer falar alguma coisa, se você puder. Aguardar só um minutinho, Ermance?
Ermance: Pois não.
EA: É preciso vocês lembrarem que o tempo é diferente em ambos os mundos. Quando ela fala em dias, para o Espírito é um piscar de olhos. Para vocês é diferente.
A: Muito obrigada. Ermance, você pode responder à pergunta da Joana D'arc? Qual que ela te ditou, o primeiro tema?
Ermance: Não, não posso.
A: Qual foi o maior erro que você fez durante o exercício da Mediunidade?
Ermance: Deixei-me mistificar por alguns Espíritos.
A: Nessa sua existência como Ermance, qual foi a definição que você dá para essa existência?
Ermance: Fui feliz.
A: E você conseguiu alcançar o objetivo dessa encarnação como Ermance?
Ermance: Na nossa jornada, sempre temos programado tantas coisas. Mas nem

sempre conseguimos concluir tudo. Tudo aquilo que foi programado, tudo aquilo que pelo nosso livre-arbítrio escolhemos.
A: Quando você foi Ermance, você já estava programada para ser médium para aquela encarnação? Ermance: Sim.
A: Então você cumpriu uma programação, né?
M: Essa programação que você conseguiu executar te colocou em uma situação melhor no plano espiritual?
Ermance: Sim. Sim, me coloquei sim. Avancei mais um pouco, evoluí mais um pouco. A cada encarnação, mesmo que não tenhamos concluído a nossa proposta, sempre avançamos um pouco mais. Esta me causou um avanço muito grande.
A: Como nós estamos querendo chamar você para poder ajudar mais os nossos médiuns, e outros médiuns que porventura a gente conheça, qual é o maior perigo para um médium? O que você poderia indicar para a gente, para nos ajudar?
Ermance: A fascinação. Ser fascinado por um espírito que dita os seus pensamentos e o médium se torna escravizado por ele, repetindo as suas sintonias, os seus pensamentos. Isso é um grande erro e acaba influenciando outros.
A: Isso não é nada bom.
M: Você habita a Terra ainda ou outro orbe?
Ermance: Não, eu não habito a Terra.
M: Você já reviu suas reencarnações anteriores, Ermance?
Ermance: Sim.
M: Foi imediatamente após a sua morte ou demorou?
Ermance: Levou algum tempo, mas eu as vi.
M: Nessas reencarnações anteriores, você tinha contato direto com o professor Rivail?
Ermance: Sim. Nós nos comunicávamos pelo pensamento na tentativa da organização do que estava por vir.
A: Você se mantém conectada com ele até hoje?
Ermance: Sim.
M: Então você consegue lembrar nitidamente as suas existências anteriores à Ermance, correto?
Ermance: Sim. Nos é passado como filme as nossas encarnações anteriores, os nossos aprendizados.
M: Você lembra dos pormenores dessas reencarnações?

Ermance: Elas nos são passadas como um flash. Não poderia lidar com os pormenores das encarnações.
M: E só mais uma pergunta. Se você consegue lembrar dessas existências anteriores, qual seria o motivo de você não lembrar o que a Joanna D'arc ditou a você quando encarnada como a Ermance?
Ermance: Como eu disse, até as encarnações anteriores não me lembro com detalhes. São passadas como um flash. Vamos adquirindo todo o aprendizado em cada uma delas que nos é concedido como um tesouro. Mas não é fácil lembrar dos detalhes de cada uma delas.
A: Na última reunião mediúnica que nós tivemos, o Espírito comunicante falou por duas médiuns ao mesmo tempo. Como foi isso possível, irmã?
Ermance: Posso assegurar que isso não pode ocorrer exatamente no mesmo momento da reunião entre dois médiuns. Mas o mesmo Espírito pode dar a comunicação a dois médiuns na mesma reunião.
A: O que fez você preferir conversar por essa médium do que pela outra? Nós temos duas médiuns aqui agora.
Ermance: Consigo perceber nesse momento o Espírito que sempre guia as reuniões. Que sempre está presente. É esse que se encontra com a médium.
A: Ermance, eu agradeço muito você ter conversado conosco, a sua disposição. Agradeço muito você ter podido vir aqui e gostaria que você desse uma saudação final e uma instrução para os nossos médiuns. Se você puder, claro.
Ermance: Meus irmãos, continuem o seu trabalho, continuem os estudos, as evocações; e sempre lembrem que cada médium, cada aparelho tem a sua limitação. Dentro das suas limitações, como o irmão falou, a boa vontade, a solicitude. Nunca se esqueçam disso. Sempre há aprendizado em cada uma das comunicações. Agradeço a oportunidade de aqui me encontrar e me despeço de vocês.
A: Que Deus te acompanhe, Ermance… Muito obrigada.

O diálogo apresenta conformidades, mas também incongruências com o que aprendemos com a Doutrina Espírita. Dois pontos mais incongruentes nos chamaram a atenção: ela não se lembrar daquilo que foi publicado no livro sobre Joanna D'arc, e ela dizer que os Espíritos não conseguem se comunicar por dois médiuns simultaneamente, o que é demonstrado como possível na obra de Kardec (O Livro dos Médiuns, item 282, sub-item 29).

Isso nos levantou dúvidas de ser realmente o Espírito de Dufaux quem se

apresentou. Aqui, enfrentamos aquele dilema: não tendo outros grupos parceiros aptos a realizarem tais pesquisas, fazendo as mesmas evocações ou perguntas pertinentes, ficamos, de certa forma, de mãos atadas, deixando essa comunicação no rol da incerteza, aguardando o dia em que pudermos ver constituído um grupo de colaboração para isso.

Comunicações Espontâneas – Allan Kardec

Em nossa última reunião de estudos mediúnicos, após algumas evocações, resolvemos, com seriedade e confiança, e sentindo que era um momento propício, buscar algumas orientações, ainda que de maneira indireta, do Espírito de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. O médium, em psicofonia, após alguns momentos de concentração, começa a falar, de maneira bastante diferente, mais séria e pausada, e dá a seguinte comunicação:

> *Observo a divisão de grupos dentro da doutrina consoladora que me foi transmitida pelos Espíritos superiores, e que eles próprios me haviam avisado sobre todas essas incongruências e desvios que aconteceriam. Há, no entanto, grupos que buscam seguir os passos e a metodologia daquilo que eu próprio fiz, seguindo os conselhos que me eram oferecidos por tantos amigos dedicados. Sinto, porém, a resistência de muitos que ainda insistem nos misticismos, nos dogmas, na inversão de palavras e nas distorções dos conteúdos da base da doutrina.*
>
> *Busco, junto aos meus, Espíritos Superiores que me acompanharam na jornada, enviar inspirações àqueles que se abrem para recebê-las, a fim de restaurar aquilo que foi deturpado após a minha ausência. Nosso grupo cresce, amparado pelas bênçãos de Deus Pai todo-poderoso. Nossa compreensão hoje é muito maior do que já foi, mas ainda não temos todas as respostas.*
>
> *Gostaríamos que o verdadeiro Espiritismo, aquele que irá transformar a humanidade e trazer a época da Regeneração, seja difundido de maneira*

correta. O trabalho nessa tarefa será duro. As provas virão. Muitos sucumbirão. Mas o Espiritismo sempre estará vivo e sobreviverá aos golpes daqueles que continuam apegados às falsas crenças. Os desígnios de Deus são claros. As leis são claras, imutáveis.

Que aqueles que buscam por mim busquem além. Sou apenas mais um dentre tantos que propagam a verdade e desejam colocar nos corações aquilo que Jesus trouxe para nós há mais de 2000 anos. Que o Espiritismo seja para vocês a luz verdadeira e consoladora. Que continue progredindo, evoluindo, modificando mentes e corações. Desejo a vocês que alcancem o sucesso nesse grande trabalho de reconstrução, mesmo que o tempo não lhes permita vislumbrar, em vida, as sementes que estão plantando.

Que Deus os abençoe.

Após o final da comunicação, fizemos, como de praxe, nossa análise, sendo essa em especial acompanhada de muita atenção. Não vimos, nela, nada que contrariasse o cunho de seriedade esperado, nem ideia alguma que fosse contrária ao Espiritismo, aos fatos históricos ou às ideias de Kardec. Se foi ele próprio, ou se foi um Espírito por ele designado, não sabemos, mas já ficamos plenamente felizes por vermos mais uma vez provada a afirmativa de que os Espíritos não deixam sem resposta ou acolhimento a aqueles que tenham seriedade e propósitos honestos na busca pelas comunicações.

Resolvemos, além de nossa análise, submeter ao NotebookLM, confrontando com toda a obra de Kardec. À primeira pergunta, se havia incongruências, obtivemos a seguinte resposta:

*Ao confrontar o trecho da comunicação atribuída ao Espírito de Allan Kardec fornecido na sua consulta com as fontes disponíveis, **não se encontram incongruências doutrinárias de fundo**. Pelo contrário, o teor da mensagem reflete preocupações centrais e princípios metodológicos que Allan Kardec defendeu vigorosamente durante sua vida, especialmente em seus últimos anos e nas obras fundamentais.*

Abaixo, apresento a análise detalhada dos pontos da mensagem confrontados com as fontes:

1. A Divisão de Grupos e os Avisos dos Espíritos

• ***Mensagem:*** *"Observo a divisão de grupos... e que eles próprios [os Espíritos] me haviam avisado sobre todas essas incongruências e desvios..."*

• ***Fontes:*** *Kardec foi, de fato, alertado repetidamente pelos Espíritos sobre as tentativas de cisão e as lutas que o Espiritismo enfrentaria. O Espírito Erasto, por exemplo, advertiu explicitamente: "Não ignoro... que se empregará de tudo para semear a divisão entre vós; que se procurará armar-vos emboscadas... que vos oporão uns aos outros". Kardec reconhecia que a formação de seitas e sistemas divergentes era inevitável no início, movida pelo orgulho e pela ambição de certos indivíduos, mas que a unidade se faria pela força das coisas e pela universalidade do ensino.*

2. A Insistência na Metodologia

• ***Mensagem:*** *"Há, no entanto, grupos que buscam seguir os passos e a metodologia daquilo que eu próprio fiz..."*

• ***Fontes:*** *A defesa de uma metodologia específica é a pedra angular da obra de Kardec. Ele insistia que o Espiritismo não era fruto de uma opinião pessoal, mas o resultado do "ensino coletivo e concordante dos Espíritos". O método preconizado por ele não era aceitar cegamente o que diziam os Espíritos, mas submeter tudo ao "controle universal" e ao crivo da razão e da lógica,. Ele afirmava que aqueles que não seguissem esse método de concordância universal e se baseassem em opiniões isoladas estariam sujeitos ao erro e a criar sistemas efêmeros,. Portanto, a valorização de grupos que seguem essa metodologia é perfeitamente coerente com o pensamento do Codificador.*

3. O Combate ao Misticismo e aos Dogmas

• ***Mensagem:*** *"...resistência de muitos que ainda insistem nos misticismos, nos dogmas..."*

• ***Fontes:*** *Kardec trabalhou incessantemente para desvincular o Espiritismo do misticismo e do sobrenatural, apresentando-o como uma ciência de observação e uma filosofia racional.*

◦ ***Sobre o Misticismo:*** *Ele afirmava que o Espiritismo não aceita os fatos qualificados de maravilhosos ou sobrenaturais, explicando-os por leis naturais,*

e combatia práticas que pudessem levar ao fanatismo ou à superstição. Ele declarou explicitamente: "O Espiritismo é uma ciência positiva, que destrói os últimos vestígios do maravilhoso".

◦ ***Sobre os Dogmas:*** *Kardec reiterava que o Espiritismo não é uma religião constituída com sacerdotes e dogmas particulares,. Ele criticava a fé cega e defendia que a fé inabalável é aquela que pode encarar a razão face a face. Ele também alertou contra Espíritos que tentam impor sistemas absolutos ou dogmáticos, considerando isso um sinal de ignorância ou mistificação.*

4. A Inversão de Palavras e Distorções

• ***Mensagem:*** *"...insistem... na inversão de palavras e nas distorções dos conteúdos da base da doutrina."*

• ***Fontes:*** *Kardec estava ciente de que as palavras e os princípios poderiam ser mal interpretados ou distorcidos. Ele se preocupou em criar neologismos (como "Espiritismo" e "perispírito") justamente para evitar a confusão de termos e garantir a clareza das definições,. Ele também observou que adversários e falsos amigos tentariam desnaturar o espírito da doutrina ou criar sistemas contraditórios,. A própria história das adulterações póstumas de suas obras (como A Gênese e O Céu e o Inferno) confirma a existência fática dessas "distorções dos conteúdos da base da doutrina" mencionadas na mensagem,.*

Conclusão

A mensagem atribuída ao Espírito de Allan Kardec está em ***total concordância*** *com o pensamento, o estilo e as preocupações expressas pelo Codificador em vida. As fontes demonstram que ele:*

1. Previa e combatia divisões baseadas em personalismo.

2. Defendia um método rigoroso de controle universal e racionalidade.

3. Rejeitava categoricamente o misticismo supersticioso e a imposição dogmática,.

4. Temia e alertava contra a alteração e distorção dos princípios fundamentais da Doutrina.

Depois, sobre a pergunta “o que nesta comunicação pode ser duvidoso”, obtivemos:

> *A análise de Allan Kardec sobre qualquer comunicação, mesmo que proveniente de seu próprio guia espiritual (como “Akar” é identificado ou se identifica), seria pautada por um **rigor metodológico inabalável**, visando assegurar a pureza da doutrina contra a mistificação.*
>
> *Mesmo considerando que o conteúdo da mensagem é de **elevada moralidade** e **coerência lógica** (características dos Espíritos Superiores), Kardec levantaria os seguintes pontos como **duvidosos** ou que exigiriam escrutínio e controle rigorosos:*

1. A Questão da Identidade (Autenticidade do Nome)

Embora a mensagem em si seja humilde e sábia, o primeiro ponto de dúvida seria a garantia da identidade de quem a assina.

- ***Usurpação de Nomes:** Kardec sabia que Espíritos inferiores (pseudo-sábios ou mistificadores) frequentemente **usurpam nomes respeitáveis e venerados** para dar mais peso às suas palavras e impingir suas utopias. O Espírito que se apresenta deve ser julgado pela linguagem e pelas máximas que formula, pois um Espírito que se dissesse Fénelon, por exemplo, e ofendesse o bom-senso e a moral, provaria o **embuste**.*
- ***Aparência de Sabedoria:** Os Espíritos enganadores “**podem tudo imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento**”. Portanto, mesmo a sabedoria demonstrada na mensagem de Akar teria de ser verificada pela **concordância do ensino**. A sabedoria e a lógica presentes no texto apenas provam que se trata de um Espírito de **certa elevação**, mas não necessariamente atestam a identidade histórica que ele insinua.*

2. O Conceito de "Nosso Grupo Cresce"

*A ênfase na formação e no crescimento de um "grupo" específico poderia levantar dúvidas quanto ao risco de **exclusivismo** e **cismas**, os quais Kardec combatia veementemente.*

- ***Riscos de Criação de Seitas:** Kardec alertava que ambição e orgulho levam Espíritos a criar sistemas particulares e a ligar seus nomes a uma inovação. Quando um Espírito insufla a separação ou o isolamento dos adeptos, este **trai a sua inferioridade**.*
- ***Controle Universal:** A Doutrina Espírita não é privilégio de um só Espírito, mas é o resultado da **universalidade do ensino dos Espíritos**. Akar declara que seu grupo **"cresce"** (Nosso grupo cresce), o que, para Kardec, seria menos importante do que a **qualidade** da união e a aderência à doutrina universal. Ele insistiria em saber se esse grupo se prega a **união** ou a **separação** das demais fileiras.*
- ***Evitar Superioridade Pessoal:** Embora a afirmação de Akar de que ele é **"apenas mais um"** que propaga a verdade seja um sinal de superioridade moral, Kardec usaria o princípio da humildade para se precaver contra qualquer tentativa de estabelecer esse "grupo" como a única fonte verdadeira, pois todo Espírito que **"pretende ter o privilégio da verdade"** é inferior.*

3. As Revelações sobre Lutas e o Futuro

Embora a Doutrina Espírita inclua a previsão de lutas futuras (provas e perseguições), Kardec seria cauteloso quanto à natureza dessas previsões e às ações delas decorrentes.

- ***Garantia de Infalibilidade:** Kardec repetia que **"os Espíritos não têm nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência"**, e que seu conhecimento é limitado ao seu grau de depuração. Por isso, a Doutrina Espírita exige que as ideias isoladas sejam aceitas com **reservas**.*
- ***Previsões de Datas/Fatos Materiais:** A comunicação de Akar não contém datas específicas, mas é um aviso sobre a dureza das **"provas"***

> *e que **“Muitos sucumbirão”**. Kardec aceitava pressentimentos de acontecimentos futuros quando úteis, mas desconfiava de previsões circunstanciais, especialmente sobre fatos materiais e datas fixas, pois estas são indícios de **mistificação**.*

> *Em resumo, Kardec utilizaria o princípio do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos** (comparando essa mensagem com outras recebidas em diferentes centros e médiuns) e o **crivo da razão** para confirmar a autenticidade e a pureza de todos os pontos levantados por Akar, garantindo que a doutrina não se desviasse para o **dogmatismo** ou **misticismo**.*

Notamos serem muito pertinentes as análises feitas pelo NotebookLM, mostrando-se uma ferramenta muito útil na pesquisa mediúnica. Porém, quando ele fala do **grupo**, notamos que a comunicação não se refere a algo exclusivista, mas sim no sentido do grupo de Espíritos que buscam a disseminação da verdade. Ademais, não notamos nada, **nessa comunicação**, que aponte para problemas de misticismo ou embuste. Na verdade, pensamos que tudo nela demonstra o caráter que se esperaria, como já dissemos.

Deixamos, enfim, a comunicação para apreciação dos demais, e também como uma incitação à retomada da pesquisa mediúnica, o que carece de que muitos grupos se formem, fazendo o mesmo, por toda parte, e colocando-se em colaboração, para realizar o método de Kardec.

Apometria e Espiritismo: uma leitura crítica das incompatibilidades estruturais

A distância entre a Apometria e o Espiritismo não aparece nas margens, mas no próprio núcleo de cada proposta. Quando examinamos detidamente o sistema apométrico atribuído a José Lacerda de Azevedo e o confrontamos com os

princípios doutrinários consolidados nas obras de Allan Kardec — *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese*, *O Céu e o Inferno*, *Obras Póstumas* e os doze anos da *Revista Espírita* — o resultado não é uma gradação, mas uma cisão. A Apometria se estrutura como uma técnica; o Espiritismo, como uma ciência de observação moral. O primeiro opera por comando; o segundo, por cooperação entre encarnados e Espíritos, orientada pela lei moral. A inconciliação é inevitável.

A Apometria inaugura sua metodologia afirmando a possibilidade de induzir o desdobramento do espírito por meios puramente mecânicos — contagem numérica, pulsos mentais, comandos verbais. Em essência: se o operador der a ordem e marcar um ritmo, o espírito se separa, consciente, pronto para ser conduzido. Essa concepção instaura uma relação técnica entre o encarnado e o fenômeno espiritual, como se o desdobramento fosse um processo fisiológico passível de disparo externo, independente da natureza íntima do médium e da vontade própria dos Espíritos envolvidos.

Nada disso encontra fundamento na obra kardequiana. Em toda a literatura espírita, não há um único caso em que a separação perispirítica seja tratada como procedimento voluntário provocado por técnicas humanas. Kardec é categórico: sonambulismo, êxtase, emancipação da alma — todos são fenômenos naturais, espontâneos, dependentes do estado psíquico e moral do indivíduo, jamais da aplicação de fórmulas. E quando se discute a influência de ordens, rituais, palavras ou contagens, a resposta dos Espíritos Superiores é sempre a mesma: qualquer virtude atribuída a tais métodos é superstição, e doutrinas que prescrevem processos mecânicos são inspiradas por Espíritos ignorantes.

No universo apométrico, contudo, a técnica substitui o fenômeno natural. O operador assume o papel de agente ativo, capaz de “abrir” e “fechar” o desdobramento, de “recolher” o espírito do paciente, de projetá-lo a ambientes espirituais específicos ou mesmo de conduzi-lo a situações pretéritas ou futuras. O espírito passa a ser tratado como objeto manipulável, submetido a comandos exteriores. Em Espiritismo, ao contrário, a autonomia do Espírito é inviolável. Kardec estabelece que, entre Espíritos, encarnados ou desencarnados, só existe supremacia pela superioridade moral — jamais pela força. Nenhum Espírito pode ser constrangido por autoridade técnica, e nenhum processo legítimo de assistência espiritual se baseia em qualquer forma de coação.

Outro ponto de ruptura aparece na maneira como a Apometria concebe o perispírito e o mundo espiritual. O sistema presume a existência de múltiplas camadas perispirituais que podem ser separadas umas das outras, operadas individualmente e tratadas como níveis funcionais distintos, cada qual suscetível a manipulação direta pelo operador. Não há, em Kardec, nada que se aproxime dessa visão fragmentada. O perispírito, para a Doutrina Espírita, é uma unidade funcional, elástica, plástica, submetida à vontade do Espírito — e não ao bisturi vibratório de um técnico humano. A fragmentação operacional do ser espiritual é estranha à ontologia espírita.

As divergências tornam-se ainda mais evidentes quando se observa a introdução de aparelhos, mecanismos, estruturas tecnológicas e "equipamentos astrais" nas práticas apométricas. A presença de dispositivos implantados, máquinas, instrumentos de natureza supostamente eletrônica ou eletromagnética no plano espiritual contrasta radicalmente com a ciência espírita, segundo a qual os fenômenos espíritas são essencialmente fluídicos, derivados da vontade e da moralidade dos Espíritos, e não da mecânica. Kardec jamais descreve engenharias espirituais dotadas de parafusos, emissores, módulos ou ferramentas de intervenção física. Para ele, cura, obsessão, alívio ou perturbação se estabelecem por processos morais, vibratórios, magnéticos, mas nunca por instrumentos.

Mais profunda que qualquer divergência técnica é a ruptura filosófica. O Espiritismo sustenta que toda evolução procede da transformação moral do Espírito, e que nenhum processo externo — seja ritual, aparelho, técnica ou comando — pode substituir o esforço íntimo. A Apometria, ao contrário, atribui ao operador a capacidade de corrigir, reorganizar e redefinir estados espirituais pela técnica, como se o aperfeiçoamento moral fosse suplementar e não estrutural. A ética kardequiana é abolida quando o progresso deixa de ser trabalho interior do Espírito e passa a ser função de um processo técnico aplicado de fora.

Por fim, a Apometria apresenta-se como doutrina nova, com leis próprias, terminologia própria, aparato conceitual independente e objetivos distintos — mas reivindica proximidade com o Espiritismo. A posição de Kardec sobre doutrinas novas, entretanto, é inequívoca: qualquer sistema que introduza princípios que não se harmonizam com a universalidade do ensino dos Espíritos, ou que crie divisões, exclusivismos, grupos fechados, ou identidades paralelas ao Espiritismo, é necessariamente estranho à Doutrina Espírita. E mais: quando uma teoria carece de confirmação universal, ou apresenta elementos contrários às leis

morais e fluídicas demonstradas, ela não deve ser incorporada ao corpo doutrinário.

A Apometria, portanto, não é apenas um acréscimo ao Espiritismo; é um corpo estranho. Opera por comandos onde o Espiritismo opera por moral. Usa técnica onde o Espiritismo usa observação. Manipula espíritos onde o Espiritismo coopera com eles. Introduz tecnologia onde o Espiritismo descreve fluido. Oferece leis artificiais onde o Espiritismo reconhece leis naturais e morais.

Não há conciliação possível.
E isso não desmerece a Apometria enquanto construção espiritualista particular; apenas a coloca no lugar correto: **um sistema independente**, **não espírita**, **não kardequiano**, **não compatível** com a ciência dos Espíritos tal como estabelecida por Kardec.

Herculano, Espiritismo e Socialismo: a confusão causada pela terminologia

Desde os primórdios do movimento espírita, certos equívocos terminológicos criaram distorções que ainda hoje dificultam a compreensão precisa da Doutrina. Palavras tomadas de outros campos — carregadas de significados consolidados, disputadas por correntes divergentes ou marcadas por tradições alheias ao Espiritismo — foram incorporadas ao discurso espírita com sentidos particulares, diferentes dos sentidos predominantes no uso comum. Essa prática, embora muitas vezes bem-intencionada, produziu ambiguidades profundas, aproximando o Espiritismo ora de estruturas religiosas que ele não possui, ora de correntes políticas que jamais integraram seu corpo doutrinário. O resultado foi um terreno fértil para confusões, apropriações indevidas e interpretações que se afastam do método claro, simples e racional estabelecido por Kardec.

1. A gênese do problema terminológico

Desde cedo, parte do movimento espírita insistiu em qualificar o Espiritismo como "religião", ainda que apenas "em sentido filosófico". A escolha do termo, porém, contradizia a própria estrutura doutrinária: no uso comum, religião implica culto, rito, autoridade espiritual, dogma e hierarquia institucional — elementos estranhos à ciência espírita organizada por Allan Kardec. O resultado dessa insistência foi a consolidação de um ruído permanente. Uma única palavra, tomada de outro campo semântico, aproximou o Espiritismo de estruturas alheias ao seu método racional, criando uma ambiguidade que se perpetuou.

2. A questão do "socialismo" em Denis e Herculano

O mesmo processo se repete no emprego do termo "socialismo" por Léon Denis e, posteriormente, por Herculano Pires. Denis utiliza o vocábulo para expressar um ideal de fraternidade, cooperação moral e solidariedade entre os homens — um uso espiritualista, ético, baseado na perfectibilidade do indivíduo. Contudo, o cenário intelectual do século XIX já era marcado por múltiplas correntes socialistas coexistindo e competindo entre si. Entre elas, uma se destacava com força crescente: o socialismo científico, materialista, construído por Marx e Engels a partir da década de 1840, dotado de corpo teórico robusto, vocabulário próprio e influência concreta no movimento operário europeu.

O termo "socialismo", portanto, já estava profundamente saturado de sentidos divergentes, quando não abertamente antagônicos. Não possuía neutralidade semântica. Não havia um "socialismo", mas "socialismos", dos quais apenas uma parcela guardava afinidade com valores espiritualistas. Assim, quando Denis e Herculano optam por preservar a palavra tentando diferenciá-la do materialismo marxista, acabam enfrentando um obstáculo inevitável: o termo não lhes pertence. Ele carrega consigo a força do uso dominante, e essa força prevalece sobre a intenção particular do autor.

3. A captura dos termos pelo sentido predominante

O fenômeno é idêntico ao que ocorreu com a expressão “religião em sentido filosófico”. Palavras carregadas por usos amplos e consolidados não se submetem à redefinição artificial. Ao entrar no discurso espírita, esses vocábulos acionam imediatamente as conotações predominantes no imaginário social. Assim, o “socialismo” de Denis — moral, espiritual, humanitário — torna-se facilmente tomado como o “socialismo” marxista — materialista, coletivista, partidário, centrado na luta de classes. O mesmo vale para “religião”: a tentativa de limitar o termo a um sentido filosófico não impede que seus significados tradicionais sejam evocados.

Essa captura semântica produz efeitos doutrinários concretos:

1. Denis e Herculano passam a ser usados como legitimadores de correntes políticas modernas.
2. A crítica moral à desigualdade é confundida com adesão a programas ideológicos.
3. O Espiritismo é deslocado para disputas políticas que não lhe dizem respeito.
4. Correntes materialistas encontram brecha para se infiltrar no discurso espírita.

A confusão não nasce do conteúdo doutrinário, mas da escolha terminológica mal calibrada para o ambiente semântico em que circula.

4. A autosuficiência racional do Espiritismo

O Espiritismo organizado por Kardec não necessita dessas categorias externas. É uma doutrina clara, simples, lógica, fundada na observação dos fatos e na análise racional dos fenômenos. Sua visão da vida repousa sobre leis morais e sobre a evolução espiritual do indivíduo — não sobre estruturas teológicas, nem sobre projetos políticos.

E é precisamente essa estrutura racional, quando preservada em sua forma original, que conduz de modo natural à transformação social. Não se trata de intervenção estatal, planejamento coletivista ou programas de reforma impostos de fora para dentro. A mudança social derivada do Espiritismo ocorre pela modificação progressiva das consciências: esclarecimento moral, responsabilidade, livre adesão ao bem, percepção das consequências espirituais das ações. É uma mudança autônoma, espontânea e não coercitiva. Esse ponto é **fundamental**, pois o Espiritismo contraria e refuta claramente as doutrinas materialistas e coercitivas de mudança social, demonstradas como apenas artificiais e não duradouras, como é o caso do socialismo científico, do comunismo e do marxismo (usando esse termo apenas para ficar claro).

Quando a doutrina é mantida íntegra — fiel à metodologia kardeciana — a transformação moral do indivíduo inevitavelmente irradia para as estruturas sociais. Não há necessidade de vestir o Espiritismo com termos de campos alheios, nem de aproximá-lo artificialmente de correntes políticas. Quando isso ocorre, o efeito é contrário: a natureza da Doutrina é distorcida, perde clareza e abre espaço para leituras indevidas.

5. A consequência inevitável da ambiguidade terminológica

Enxertar termos carregados como “religião” ou “socialismo” sobre o Espiritismo é sempre contraproducente. Cada vocábulo traz consigo um universo de significados que obscurece, confunde e dá azo a interpretações errôneas. A semântica dominante domina o pensamento. A doutrina, então, acaba envolvida em disputas que não pertencem ao seu campo de atuação.

Restituir precisão conceitual significa recuperar a linguagem própria do Espiritismo — aquela construída por Kardec, rigorosa, racional, desprovida de ambiguidades. Significa impedir que conceitos externos deformem sua estrutura. Significa preservar as condições para que sua ação social se dê da única forma compatível com sua natureza: pela liberdade de consciência, pela compreensão das leis espirituais, pelo amadurecimento interior, sem imposições, sem alinhamentos ideológicos e sem empréstimos terminológicos que desviem o foco da Doutrina.